

## ELEMENTOS PSICANALÍTICOS EM A *CONSCIÊNCIA DE ZENO*, DE ITALO SVEVO: SUJEITO DO INCONSCIENTE E FICÇÃO LITERÁRIA

### PSYCHOANALYTIC ELEMENTS IN *ZENO'S CONSCIENSE*, FROM ITALO SVEVO: SUBJECT OF THE UNCONSCIOUS AND LITERARY FICTION

Tarcísio Pereira Guedes\*

Anderson Carvalho Pereira\*\*

RESUMO: O artigo mostra um exercício de crítica literária sobre elementos observados na leitura da obra *A consciência de Zeno*, do escritor italiano Italo Svevo, a partir de um diálogo com a Psicanálise. Conforme propõe a referida modalidade de crítica literária, a análise está baseada no processo de formação texto e construção da ficção em torno de seu personagem principal. Para tanto, parte da contextualização da época histórico-literária e em diálogo com a teoria psicanalítica freudiana realiza uma análise textual. Encontra-se presente nesta análise os temas psicanalíticos da neurose, bem como os conflitos emocionais presentes na ficção, discutidos por meio da teoria dos elementos de Psicanálise de Wilfred Bion. O exercício demonstra o diálogo entre ficção literária e a noção de sujeito do inconsciente da Psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente; Literatura; Crítica Literária; Psicanálise; Romance.

ABSTRACT: The article is a psychoanalytic literary criticism exercise on elements observed in reading the novel *Zeno's conscience*, of the Italian writer Italo Svevo. As required by that type of literary criticism, the analysis is based on the process of forming text and construction of the ideas of his main character, without addressing the question of the author. Therefore, the part point is the context of historical and literary season with Freudian psychoanalytic theory to proceed to textual analysis. Is present in this

---

\* Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia, IMES, Brasil. Email: [tarcisioguedes\\_psi@hotmail.com](mailto:tarcisioguedes_psi@hotmail.com).

\*\* Doutorado Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, FFCLRP/USP. Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem (Itapetinga-BA) e do PPG/Educação (Vitória da Conquista-BA) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Graduação em letras vernáculas pela UESB (campus Jequié-BA). Email: [apereira.uesb@gmail.com](mailto:apereira.uesb@gmail.com).

analysis the psychoanalytic themes of neurosis and emotional conflicts it presents, seen in relation to the theory of the psychoanalysis elements from neoklinean W. R. Bion and addresses issues such as thought and neurotic obsessive. The exercise turns out to demonstrate the ability to put a novel on the couch, to follow a literary critical methodology based on psychoanalytic proposition of man as the subject of the unconscious.

KEYWORDS: Literature; Novel; Psychoanalysis; Unconscious.

## INTRODUÇÃO

No ano de 1923 o escritor italiano Aron Hector Shmitz cujo pseudônimo é Italo Svevo, publica aquele que é considerado como o primeiro romance literário de inspiração psicanalítica. Essa obra em tom confessional, próxima da associação livre, trata de temas como a infância, o vício do fumo, a morte do pai, o casamento, o adultério masculino, as relações sociais e econômicas da Europa no início do século XX e a própria Psicanálise (SVEVO, 2001).

Dessa maneira, já se pode imaginar uma abordagem psicanalítica da dimensão ficcional do texto dentro de uma prática já exercida pelo próprio Freud e também pelo neo-kleiniano W. R. Bion, que além de analista, também escreveu ficção literária de inspiração psicanalítica – nesse caso, a trilogia *Uma memória do futuro* (BLÈANDONU, 1993).

Assim sendo, dentro do que é proposto por Bion em sua teoria e prática analíticas pautadas nos mecanismos do inconsciente, com destaque para sua concepção dos vínculos, pode-se fazer um exercício de interpretação psicanalítica da citada obra de Svevo, ao se levar em conta que uma obra literária é fruto da psique humana e o exercício da literatura pode se configurar diversas vezes como sublimação artística da neurose do autor que é catexizada em seu exercício e sublimada na arte literária (LEITE, 1977).

Portanto, a análise psicanalítica de uma obra de ficção literária desse quilate permite que se aplique o exercício da interpretação que procurará as intersecções existentes entre a realidade e a ficção. A partir disso se pressupõe que a ficção terá muito da realidade, pois esta acaba por ser a base do mundo ficcional que não quer dizer mundo da mentira, porém mundo de representação do caráter ficcional inerente a quaisquer dimensões da realidade.

Daí se pressupor que na obra em questão poder-se-á estabelecer movimentos interpretativos entre trechos da obra literária e a concepção bioniana dos vínculos entre terapeuta e analisando, tão indispensáveis para o processo da análise e para o sucesso da mesma em chegar próximo de vislumbrar **O** (realidade última, verdade absoluta, divindade, infinito, coisa em si). Ou seja, será um exercício de se chegar próximo de vislumbrar a “inconsciência” de Zeno, numa analogia próxima, correlata, porém nunca direta, com o que ocorre no *setting* analítico, quando se chega perto de vislumbrar a inconsciência dos analisandos, por meio da submersão

do material na consciência, a fim de que o par analítico se aproxime de **O** (BION, 2006). De modo geral, este artigo parte do confronto da ficção literária com os elementos psicanalíticos bionianos, com destaque para o conceito de neurose obsessiva, tal como fundamentado em construtos freudianos.

Para isto, é necessário situar historicamente o romance *A consciência de Zeno*, de forma sincrônica e contextualizar essa narrativa com o momento histórico, com a historiografia literária e com o desenvolvimento epistemológico-histórico do campo psicanalítico.

A cidade portuária de Trieste, na Itália, era e ainda é um centro urbano bastante movimentado, pois se localiza como epicentro ítalo-austríaco-eslavo-judaico; portanto, é uma cidade cheia de contrastes e geradora de crises existenciais e interpessoais. Está próxima tanto da Áustria quanto da Eslovênia, sendo que em 1918 foi anexada à Itália após o desfecho da I Guerra Mundial.

No que diz respeito ao contexto histórico, Svevo publicou essa obra no ano de 1923, num período pós-guerra de 1914 a 1918 e pré-guerra de 1939 a 1945. Essa situação histórica é a que o grande crítico literário Alfredo Bosi (2003) irá denominar de época de uma cultura doente a representar estados enfermiços, atos falhos, vícios, patologias sociais e individuais, tomando por fundamento a Psicanálise como entretenimento e não como responsabilidade individual de promover crescimento mental em si mesmo. Segundo ele, isso é observado justamente na época da crítica literária italiana denominada como decadentismo, a se tratar de um realismo mais profundo, negativo.

Para Bosi (2003) “parece também difícil compreender muito da literatura “dissolvente” que hoje se repropõe em termos de ainda mais radicais do que o fazia um Italo Svevo há cinquenta anos” (op. cit., p. 302).

Quanto ao contexto literário, essa foi uma época de influência do psicologismo do romance russo do final do século XIX e início do século XX. Os europeus, assim como todo o Ocidente, já estavam inseridos no período do Modernismo literário, sendo a Itália o berço dessa modernidade com o Futurismo de Marinetti. Já se caracteriza o prenúncio do romance da década de 1930 que romperia mais ainda com as tradições do romance do século anterior e em lugar da narrativa fluida e sequencial se tem a leitura do mundo interior dos personagens e da História sem pressa de chegar ao clímax e desfecho, bem como um neorealismo. Ou seja, trata-se de um romance de cunho altamente psicológico numa época em que os estudos da personalidade e da consciência estavam em plena efervescência na Psicologia.

No tocante à Psicanálise, esse foi um período marcado pelas últimas reformulações de Freud em seu quarto período epistemológico de construção da ciência psicanalítica. Os conceitos freudianos trabalhados nessa época que vai de 1920 a 1939 são, segundo Renato Mezan (2006, p. XVI): “... o onipresente tema da violência, que unifica os problemas da pulsão de morte, da segunda tópica, do complexo de Édipo, da castração e da angústia”.

No que diz respeito à intersecção teórica entre Literatura e Psicanálise, podem-se destacar diversos aspectos e opiniões teóricas.

O psicanalista André Green (apud LIMA, 1986, p. 208) diz que “o problema das relações entre a literatura e a psicanálise já rendeu muitas páginas. Entretanto parece que há sempre novas coisas a dizer, pois continua-se a chamar a juízo várias testemunhas”.

O romance de Svevo, nesse caso, pode ser considerado uma releitura ficcional da Psicanálise, uma re-apresentação ficcional de um caso clínico psicanalítico dentro dos padrões clássicos da própria Psicanálise; analisar esse caso clínico ficcional é um exercício real que tem como principal vantagem a ausência do empecilho da preservação da identidade, pois Zeno é um personagem de ficção literária.

A este respeito vale lembrar Marcelle Marini (1997) que define a leitura psicanalítica como uma prática interpretativa específica e transformadora.

Dentro do ambiente marcado pelo divã, a Psicanálise se vale do material da comunicação verbal para interpretar os sintomas psíquicos do paciente, tal qual na interpretação literária ela se vale dessa mesma linguagem – no nosso caso a escrita no diário de Zeno, publicado pelo Dr. S.

Segundo Marini (1997), a crítica literária psicanalítica é de caráter interpretativo e se configura como prática específica da interpretação, tendo seus limites dentro dessa proposta, em relação a outras formas de crítica. Ela aponta para esse tipo de crítica como uma prática libertadora focada na obra lida e não em seu autor.

Terry Eagleton (2003) também se ocupou de comentar sobre a crítica literária psicanalítica. No que concerne a esse tipo de análise textual, ele aponta a busca por símbolos fálicos, a formação do próprio texto literário e a revelação sobre o significado dessa formação.

Concernente às tipologias da crítica literária de maneira geral, para Eagleton (op. cit) ela pode ser feita de quatro maneiras: 1. voltada para o autor; 2. voltada para o conteúdo; 3. voltada para a construção formal; 4. voltada para o leitor. A crítica psicanalítica se volta para as duas primeiras maneiras, consideradas as mais limitadas e problemáticas (*idem*).

A opção deste artigo será pelo segundo tipo (o conteúdo), pois voltar-se para o autor seria tentar colocá-lo no divã; discorrer sobre construção formal é cair numa abordagem estruturalista ou também na crítica genética; ir ao encontro do leitor é aprofundar-se na estética da recepção e do estilo. Portanto, é o conteúdo que será objeto de comparação com postulados psicanalíticos freudianos e bionianos, com a ficção literária de Svevo. Analisar esse conteúdo é em outra medida também debater sobre um tema caro à Bion, o encontro de **O**.

Outra referência a Eagleton (*idem*) deixa clara a sua visão sobre alguns textos modernistas. Segundo o crítico esses textos vêm o que poderia ter acontecido de uma outra forma. Dessa maneira, a Psicanálise coloca a castração como protótipo da ausência, pois “esses textos, como diria o pós-estruturalismo, podem ter aceito a realidade da castração, a inevitabilidade da perda, a ausência e a diferença na vida humana” (*idem*, p. 256 e 257).

Isso se insere perfeitamente no romance de Svevo, pois nele se encontra a dúvida neurótica, a castração, a perda e a ausência, bem como também a questão da diferença na vida humana, pois em vários trechos do romance Zeno se refere a concepções de vida e de existência. Passamos à análise da obra.

## ANÁLISE

O romance *A Consciência de Zeno* é iniciado com um prefácio escrito pelo, também personagem fictício, Dr. S., e logo após há um preâmbulo do próprio Zeno. Logo depois seguem-se mais seis capítulos temáticos: 1. “O fumo”; 2. “A morte de meu pai”; 3. “A história de meu casamento”; 4. “A mulher a amante”; 5. “História de uma sociedade comercial”; 6. “Psicanálise”. Em cada uma dessas partes do livro podem ser observados vários elementos psicanalíticos em relação ao sujeito do inconsciente.

Em primeiro lugar, pode-se observar no nome do Dr. S. uma talvez encoberta alusão ao nome Sigmund. Não que se esteja a afirmar que o Dr. do romance seja o próprio Freud, porém que a letra inicial do nome S. remeta a recordar, inicialmente, do Pai da Psicanálise. Até porque o Dr. Freud não passaria a lição de casa de escrever fora do *setting* analítico, como o Dr. S. passou para seu analisando, tanto que este mesmo escreve que “Devo escusar-me por haver induzido meu paciente a escrever sua autobiografia; os estudiosos de psicanálise torcerão o nariz a tamanha novidade” (SVEVO, 2001, p. 7).

Desse modo, temos um efeito de suplência, refratário da alteridade entre escritor e autor.

O excerto acima diz respeito à substituição da técnica da associação livre realizada na própria sessão analítica, a regra fundamental da psicanálise (ROUDINESCO; PLON, 1998) para um método de associação verbal escrita extra *setting* analítico, daí a alusão à novidade do método.

Nesse prefácio se nota também a apresentação da *pessoa real do analista*, fator de bastante importância para Bion. Enquanto a maioria daqueles que lidam com o campo psicanalítico se preocupam mais com o analisando, Bion, tanto em seus escritos quanto em suas comunicações orais públicas, demonstrou bastante atenção em relação a esse importante fator (ZIMERMAN, 2004).

No romance, o Dr. S. escreve que “Quem entende de psicanálise sabe interpretar a antipatia que o paciente me dedica” (Svevo, *op. cit.*, p. 7). Isso evidencia a transferência do analisando em relação ao analista.

No caso de Zeno, principalmente no capítulo sobre a morte do pai, se pode perceber que o analista passa a ser o objeto paterno dentro do processo analítico. Daí essa transferência antipática dele para com o Dr. S.

Outro fator digno de atenção nesse prefácio é o do sentimento de vingança do Dr. em relação à Zeno. Ele diz que publicou as memórias de seu analisando “... por vingança e espero que o autor se aborreça” (*ibidem*).

Pode-se dizer que isso se trata de contratransferência do analista, porém esse fato está além disso, pois o que ocorre aí é o que Bion denomina de transferência da pessoa real do analista e não de contratransferência, pois esta seria uma devolução por parte do analista de conteúdos projetados nele pelo analisando.

Porém, no caso do Dr. S., é uma ação que parte deliberadamente dele em relação à Zeno que nem era mais seu paciente. Isso corrobora com o que David Zimmerman afirma baseado em Bion, que “... há diferença [...] entre o que é contratransferência e a *transferência do próprio analista*” (ZIMERMAN, 2004, p. 267).

Em outro momento, Zeno começa por se questionar sobre o ato de revisitar a infância, pois já se passaram mais de 50 anos de vida. Ele se recorda da recomendação do Dr. S. de que o presente, as imagens e os sonhos também são importantes para a reconstituição de sua vida. Porém, “O presente imperioso ressurgiu e ofusca o passado” (SVEVO, op. cit., p. 9).

A tentativa de lembrança continua e Zeno não dá importância à imagem de “... uma locomotiva que resfolega pela encosta acima a arrastar inúmeros vagões; sabe-se lá de onde vem e o que estará fazendo nestas recordações?” (*Op. cit., idem*, p. 9-10).

Em termos bionianos, nesse caso faltou o continente do analista para interpretar e devolver o conteúdo para o analisando. Não houve uma digestão por parte do analista, ausente no momento, a fim de desintoxicar o conteúdo e devolvê-lo ao analisando. O conteúdo do bebê-analisando precisou do continente mãe-analista e resvalou nessa ausência. Deste modo, Zeno ficou abandonado à sua função  $\beta$  (elementos  $-\beta$ ) sem que houvesse a pessoa real do analista que o auxiliasse a transformar esses elementos primários em elementos  $-\alpha$  da função  $\alpha$ .

Bion (2004a) esclarece que os elementos  $-\beta$  representam a matriz de onde os elementos brotam, não trabalham com distinção entre o inanimado e o psíquico. Sendo assim, “Pensamentos são coisas, coisas são pensamentos e elas têm personalidade”. Os elementos  $-\alpha$  representam o trabalho dessa mesma função sobre os elementos sensoriais, de forma que esses além de não serem objetos da realidade externa, são produtos dos sentidos não relacionados com essas realidades e “Possibilitam a formação e o uso de pensamentos oníricos” (BION, 2004a, p. 37).

No que diz respeito à questão do continente ( $\varnothing$ ) e conteúdo ( $\hat{\sigma}$ ), segundo Grotstein (2010, p. 165), o continente “não funciona apenas como *tradutor comunicativo*”, mas também “como um *mediador, filtro* (desintoxicador) e *transdutor* de estados de energia emocional dos domínios incontáveis da infinitude para as dimensões contáveis da realidade comum”. [grifos do autor].

Quanto à transformação de elementos menos beta do paciente em menos alfa pela função alfa do analista ( $Tp-\beta \rightarrow Ta\alpha \rightarrow Tp-\alpha$ ), dentro do contexto do conhecimento (K) e consequentemente da aprendizagem, tal transformação não ocorreu com Zeno por faltar justamente a função continente do analista.

Dessa maneira se pode afirmar que a falta de trabalho do analista em relação à emoção latente na *rêverie* de Zeno não foi aproveitada para ser interpretada e transformada em conhecimento. Transformar  $-\beta$  em  $-\alpha$  por meio da função continente e  $\alpha$  do analista, pode ser entendida, então, como fonte de conhecimento (K), fonte esta que é o modo bioniano de compreender o vínculo analítico.

Zeno, em seu exercício, continua a tentar chegar às lembranças da primeira infância, ainda no intuito da busca por sua própria identidade. Conforme Rezende (1995, p. 96): “A identidade é a verdade não esquecida de cada um. É uma memória-identidade. A identidade é a verdade sobre mim mesmo. E essa verdade sobre mim mesmo tem a ver com a recordação dos atos fundantes.”

Nesse preâmbulo de Zeno se nota o esforço deste para recordar e este ato acaba por se constituir em ato de pensar. E, nesse pensar, se pode perceber elementos de afetividade por parte do personagem tanto em relação a si quanto em relação a outros objetos externos. Esse pensamento vincular, em termos de afetividade, foi enfatizado por Bion.

Nesse caso, o romance de Svevo é permeado pelo pensar. O pensar sobre si, sobre o analista, sobre as relações objetais em busca da própria identidade, sobre as relações objetais em busca da identidade a fim de chegar a **O**, se é que isso é realmente possível. Tudo isso a ter como conteúdo manifesto a busca da Psicanálise para curar o vício do fumo, sendo que o latente por sob esse véu é a eterna busca pelo conhecer a si mesmo.

No presente artigo, o fumo é encarado como ritualização da neurose obsessiva de Zeno. Ele fuma religiosamente, conscientiza-se de que isso é uma doença, tenta manter-se internado em uma clínica, mas sem sucesso, e depois procura a Psicanálise com o intuito de se ver livre do vício do fumo. Zeno já estava a se sentir perseguido principalmente pelo ritual do último cigarro que na verdade não era o último e ele chega a afirmar que esse ritual do último cigarro é uma enfermidade e ainda “A doença é uma convicção, e eu nasci com essa convicção” (Svevo, *op. cit.*, p. 17).

O lugar desta convicção na ficção literária pode ser lido como o lugar da confluência entre pensamento totêmico e rituais repetitivos e é discutido por Freud (1996b) ao analisar “o homem dos ratos” e em termos da relação com a sublimação e a criação artística (FREUD, 1996b).

Segundo Zeno o último cigarro tem muito mais sabor, enquanto que os outros não têm tanta intensidade. Para ele esse último representa o senso de vitória sobre o vício e o “Os outros têm a sua importância porque, acendendo-os, afirmamos a nossa liberdade e o futuro de força e de saúde permanece, embora um pouco mais distanciado” (*idem*, p. 16).

Essa ritualização da neurose obsessiva, como se a mesma fosse uma religião particular do sujeito se encontra muito bem comentada por Ribeiro (2006) quando a mesma toma como ponto de referência a empreitada freudiana da análise do “Homem dos Ratos”.

Conforme Ribeiro (2006, p. 36) “Freud diz que os rituais do obsessivo têm o valor de uma religião particular. Segundo ele, são atos mágicos que revelam a onipotência dos pensamentos do sujeito, resquício da *onipotência infantil*” [destaque da autora].

Quanto à questão da onipotência infantil, o próprio Zeno admite que “é bastante cômodo podermos acreditar em nossa grandeza latente” (Svevo, *op. cit.*, p. 16) [grifo nosso].

No caso de Zeno, incluem-se pensamentos contraditórios, de onipotência infantil, de dúvida e o corpo que realiza o ritual do último cigarro e a este tanto corpo quanto pensamentos não conseguem se desvencilhar.

Outro ponto importante do capítulo sobre o fumo, que na verdade, cronologicamente seria posterior ao da morte do pai, ao do casamento, ao da mulher e a amante e ao da sociedade comercial com o cunhado da esposa, é que este é onde Zeno faz mais referências à mãe, já falecida quando ele tinha quinze anos incompletos (Svevo, *op. cit.*, p. 33). Ele se refere a ela no período do início do hábito de fumar, às escondidas, quando “Meu pai deixava pela casa charutos Virgínia fumados a meio, equilibrados às bordas das mesas e das cômodas” (*idem, ibidem*, p. 12), no momento em que o genitor desconfiou de que os cigarros estavam sumindo e, a mãe, ao entender a verdade da situação, despistou de uma forma que Zeno se recordou com ternura revelada em “Aquele sorriso me permaneceu de tal forma impresso na lembrança que um dia o revi nos lábios de minha mulher” (*idem*, p. 13).

Nesse relato em que a mãe é evocada durante duas páginas, Zeno dá a entender a falta que o seio materno faz, apesar de as referências à figura do pai serem muito mais abundantes durante toda a obra. Ele se refere a ela como “corpo que não existe mais” (*ibidem*) e, logo após no início do capítulo sobre a morte do pai, em apenas um parágrafo sobre a morte dela, confessa que “A própria dor acenava para uma vida mais intensa. [...] a morte de minha mãe e a salutar emoção que me causou fizeram-me sentir que tudo deveria melhorar para mim” (*idem*, p. 33).

Nesses momentos Zeno deixa escapar a falta do seio materno, principalmente na imagem que ficou do dia em que o pai desconfiara do desaparecimento dos charutos que ele deixava pela casa. Há aí uma associação entre o prazer inicial da obtenção do fumo na infância e a ternura da proximidade da mãe. Porém, o que fica agora é a falta do seio, falta a parecer ser tão reprimida que em seu diário há raríssimas referências a ela.

Em termos de Bion pode-se designar essa falta da mãe e do seio como Ponto (.), pois, segundo ele o (.) designa a falta do objeto perdido, no contexto de uma dimensão espacial, no caso a mãe real de Zeno. Essa falta seria preenchida pelo que Bion designa de Reta (-), ou seja, aquilo o que na dimensão temporal ficará no espaço vazio, quer dizer, no lugar da mãe-seio (BION, 2004b, p. 87-105 e 114-119). Nesse caso há dois objetos que preencherão o vazio do (.) mãe, tanto a (-) fumo quanto a (-) esposa, conforme se conferiu acima na lembrança do sorriso.



Outra observação importante é o fato de o nome da mãe ser Maria. E isso remete à concepção ocidental mais sublime da figura da mãe e da mulher, pois se trata do nome da genitora do salvador dos cristãos.

Após a revelação de seus pensamentos sobre o fumo e às poucas menções sobre a figura da mãe – lembranças recalçadas durante todo o diário psicanalítico – é no capítulo sobre o pai que Zeno vai trabalhar sua relação sinuosa para com a figura paterna.

O capítulo está centralizado no episódio da doença final e morte do genitor, considerada por Zeno como de muito maior impacto sobre ele do que a perda da mãe, pois, segundo ele “a morte de meu pai foi uma verdadeira catástrofe. O paraíso deixou de existir e eu, aos trinta anos, era um homem desiludido. Morto também! [...] Chorava por ele e por mim, e por mim apenas porque ele havia morrido” (Svevo, *op. cit.*, p. 33-34).

Ou seja, perder o pai significou para Zeno ser o único responsável por sua própria vida, já que continuava a depender do seu genitor mesmo aos trinta anos de idade. Ele se utiliza, no excerto acima dos recursos neuróticos de defesa do ego tanto da racionalização quanto da negação para esconder o óbvio: sua condição egocêntrica e egoísta.

No final do capítulo Zeno revela a estratégia do seu ego para sublimar a neurose de culpa pela morte do pai, já que o último ato deste antes do suspiro derradeiro foi o de esbofeteá-lo (*idem*, p. 58-59). Para tanto, o filho culpado retornou à religião como sublimação pela perda do pai. Tanto que ele relata haver regressado à sua religião da infância e nela haver permanecido por um longo tempo, pois “A verdadeira religião é exatamente aquela de que não se tem necessidade de professar em alta voz para obter – embora raramente – o conforto que algumas vezes nos é indispensável”. (*idem*, p. 59).

Essa inserção da religião na neurose é um fator superegóico superposto ao ego de Zeno, a fim de aplacar a culpa. Nesse caso a religião é uma proteção neurótica da culpa em relação ao castigo vindouro. Segundo Rezende (*op. cit.*, p. 199), essa neurose religiosa é frequente, tem caráter superegóico baseado nos mandamentos a se acentuar o sentido persecutório dos mesmos, pois “Situado entre Id e Superego, o Ego tende a proteger-se neuroticamente. Um *Id* selvagem me leva a desobedecer os mandamentos [...]; mas o Superego recrimina e castiga, cruelmente”.

É aí que se tem um Zeno que escapa da culpa utilizando-se do fervor religioso para escapar dos próprios pensamentos de culpa pela perda do pai. E esse comportamento religioso não passa de uma sublimação necessária para que Zeno tanto mantenha o pai vivo na memória quanto escape desses próprios pensamentos de castigo e punição.

Assim sendo, a questão desse despertar religioso de Zeno pode ser visto como um mecanismo de defesa e de sublimação e também faz com que se reflita na importância da religiosidade do analisando dentro do processo de análise e não apenas questões da sexualidade.

Quando o personagem Zeno relata em um capítulo sobre a história do seu casamento, há uma demonstração da dúvida neurótica de escolha do objeto. Nesse capítulo Zeno relata como ficou apaixonado por Ada e termina por casar com a irmã Augusta e o casamento de Ada com Guido Speier, um violinista a ser sempre odiado por ele (Svevo, *op. cit.*, p. 61-146).

Zeno alimenta todo seu amor por Ada, rivaliza-se com Guido e, num ato falho, durante uma tradicional sessão espírita de mesas girantes – fato corriqueiro nos salões da Europa na metade do séc. XIX –, em um ato falho, na penumbra, declara-se para Augusta pensando ser Ada. E isso fez com que ele contraísse compromisso em relação a ela, ao passo que o caminho para Ada e, conseqüentemente, a vitória de Guido, fossem uma questão de tempo.

Mais uma vez a neurose obsessiva de Zeno é por ele exposta em seu relato. Dessa vez com a manifestação da dúvida.

Segundo Ribeiro (*op. cit.*, p. 17), na neurose obsessiva aparecem crenças, como a auto-recriminação e a representação recalcada a conduzi-lo à dúvida. Essa dúvida, apontada por Descartes como a dignidade do método da filosofia, além de ser sintoma da neurose obsessiva, caracteriza-se como defesa tanto contra a angústia quanto contra “o afeto que se desloca de uma representação à outra”.

Isso pode reforçar a idéia de que Zeno, inconscientemente já sabe que perderia Ada para Guido, por meio de um ato falho que o defenderia da angústia dessa perda, se deslocou de Ada para Augusta, portanto fugindo da derrota iminente. Porém, ao pedir Ada em casamento foi por ela recusada, fez o mesmo pedido à irmã Alberta e, finalmente a Augusta que aceitou, apesar de saber não ser amada como Ada. Augusta prontamente respondeu-lhe que “... você precisa de uma mulher que queira viver a seu lado e tome conta de você. Hei-de ser essa mulher” (Svevo, *op. cit.*, p. 129).

Zeno reencontrara a mãe perdida há mais de duas décadas. A (-) acabava de assumir o espaço vazio deixado pelo (.).

Porém, um vínculo de amor diferente de Zeno por Ada acabava de ser estabelecido. O chamado por David Zimmerman (2010) de *amor tantalizante*. Ou seja, o próprio personagem do romance se refere a isso quando relata que “A liberdade consiste em poder fazer aquilo que se quer desde que se possa fazer também alguma coisa de que se goste menos. A verdadeira escravidão é estar condenado à abstenção: Tântalo e não Hércules” (Svevo, *op. cit.*, p. 100). Ele estava condenado à abstenção do amor de Ada e, durante todo o restante do romance ele vai remoer esse amor que ficou no “quase”.

Ainda em relação a esse vínculo de amor introduzido por Zimmermam (*idem*, p. 69) ao discurso bioniano do vínculo de amor, ele esclarece que esse vínculo de amor tantalizante se justifica “nos casos em que predomina nitidamente uma relação amorosa com características de uma situação de aprisionamento que tende à cronificação”, a se tornar em um amor patológico no qual o dar e o retirar são observados em períodos revezados e repetitivos.

Esses são fatos que podem ser observados durante todo o decorrer da narrativa, pois até na busca por uma amante a figura do “quase” Ada lá estará, durante a sociedade com Guido e a morte deste, até que o vínculo é desfeito e a vingança de Zeno, que é a morte simbólica desse amor, consegue ser saciada. A situação vincular exposta, no caso de Zeno, se caracteriza realmente como crônica, aprisionada.

Zeno estava desamparado pela falta da mãe, do pai, enfim, pelo abandono e só lhe restava encontrar alguém, escolhido por ele que preenchesse esse vazio. Porém, como ele não havia conquistado ainda a liberdade idealizada por ele e citada acima, ele ainda não pôde fazer o que queria e foi obrigado a se contentar com a realidade de Augusta, ao invés do desejo ideal por Ada.

O primeiro ponto digno de nota, no início do capítulo sobre a esposa e a amante é mais uma revelação sobre o pensamento de Zeno em relação à figura do pai. Segundo ele “Uma coisa é sermos o patriarca; outra bem diferente é venerar alguém que se arroga tal dignidade” (SVEVO, *op. cit.*, p. 149). Isso caracteriza a morte simbólica do pai com o filho a assumir o seu lugar, a remontar a idéia freudiana do banquete totêmico realizado pela horda primitiva, em *Totem e tabu* (FREUD, 1913).

Nesse pensamento ele reflete sobre o momento logo após o casamento e, como deixa transparecer, já se sente um patriarca, já é o chefe de sua própria família. Já ocupou o lugar do pai. Ele próprio, agora é o ponto de partida do Nome-do-Pai para a sua família constituída.

Ao falar sobre o casamento e a escapada extraconjugal Zeno revela seu vazio existencial, sua incompletude e, mais uma vez os sintomas de sua neurose da dúvida. Para escapar do tédio do casamento, decide trair a esposa com a jovem Carla. Depois resolve dedicar-se novamente à mulher, mas, mesmo assim, permanece o vínculo de amor tantálico em relação à cunhada Ada.

Nesse caso, o triângulo Zeno-Carla-Augusta corresponde a uma sensação pessoal de incompletude do personagem principal. Ada é a interdição, Augusta é a dúvida e Carla uma possibilidade.

Em termos psicanalíticos, no caso de Ada, ela é, ao mesmo tempo, totem e tabu. Tabu porque já está casada, não o ama e, por isso ele está proibido de possuí-la; totem pelo fato de ser para ele o símbolo do amor verdadeiro, da suprema realização do desejo, a concretização do ideal do seu Ego (ser amado, ser aceito e não sofrer). Ou seja, a obsessão de Zeno por Ada continua, mesmo com a esposa e a amante.

Possuir Ada está proibido pela lei, pelo mandamento, mas possuir Carla também está pela mesma lei, porém, como escreveu o apóstolo S. Paulo na Epístola Aos Romanos, 7:7-11 (*In*: THOMPSON, 1994), quando o referido aponta teologicamente para a Lei como meio de conhecimento do pecado. Para ele ninguém conheceria a cobiça se a Lei não a apontasse. Dessa forma o mandamento além de mostrar o pecado existe, proibindo-o, acaba por matar espiritualmente quem comete a transgressão.

Esta dialética entre desejo e transgressão, encontra-se confirmado por Rezende (*op. cit.*) quando este fala do modelo religioso da neurose, bem como da relação entre o neurótico e os mandamentos.

Zeno não quebra o mandamento-tabu de possuir o totem Ada, mas redireciona seu desejo para outro objeto, a saber, Carla. Porém, no momento em que Carla se aproxima de Ada a interdição domina o cenário novamente e o romance extraconjugal termina com o retorno sentimental de Zeno para Augusta, sem que esta tenha percebido e confirmado a aventura do esposo.

Nesse pensamento ele reflete sobre o momento logo após o casamento e, como vimos no parágrafo acima, já se sente um patriarca, já é o chefe de sua própria família. Já ocupou o lugar do pai. Para a sua família constituída, ele próprio agora ocupa o lugar metafórico do Pai.

Na sociedade de Zeno com o antigo rival Guido, torna-se patente um fato: a inveja. A inveja do outro por ele ter possuído aquele objeto que não se teve o privilégio de possuir. No capítulo sobre a inusitada sociedade comercial entre os dois, se tem desde o desastre financeiro de Guido e seu caso extraconjugal como também a morte deste e a viuvez de Ada.

Zeno trabalha junto do concunhado Guido, que não sabe se conduzir em seus próprios afazeres. Guido morre como suicida depois de haver perdido todo o dinheiro do patrimônio pessoal. Zeno tenta recuperar parte do dinheiro, mas Ada entende que este sempre havia odiado Guido. Zeno conta o ato falho cometido de não haver ido ao funeral de Guido, como ele tenta se desculpar com Ada, como esta o acusa, após ponderar sobre o ocorrido, de odiar o marido morto. Depois de haver tentado provar em vão a sua insistente inocência, Zeno se resigna quando Ada parte com os filhos para a Argentina, porém sente-se vingado ao descobrir que a reputação de Guido diante de Ada não era das melhores. (SVEVO, *op. cit.*, p. 253-370)

É um relato que vai da inveja ao triunfo quando Ada lhe confessa que "... não soube amá-lo como devia. Quero que saiba! É com satisfação que vou para longe. Parece que assim me afasto de meus remorsos!". Porém, isso se segue à autorrecriminação neurótica de Zeno: "As lágrimas ofuscavam meus olhos. Ia-se sem que jamais lhe pudesse provar minha inocência" (*ibidem*, p. 370)

O grande destaque do capítulo é o da mistura das pulsões de morte tanto de Zeno, óbvias durante toda a narrativa, e as de Guido que acabam levando-o a um final trágico. Zeno continua a concentrar-se na doença e Guido definha-se com o fracasso financeiro. Porém, o sentimento de inveja de Zeno sempre emerge, alimentada por sua pulsão de morte, pois, segundo Rezende (*op. cit.*, p. 104) "... a inveja é função da pulsão de morte, do começo ao fim".

Zeno poderia ter evitado a bancarrota de Guido, pois ele tinha nas mãos o livro da empresa com todo o fluxo dos negócios, porém se portou como omissivo e deixou que as coisas fatalmente fossem finalizadas. O pensamento parece que estava mesmo bloqueado por uma emoção excessiva (*ibidem*, p. 102), pelo desejo de derrotar o rival. Rezende (*ibidem*, p. 105)

confirma isso quando afirma que, nesse caso, “o adulto regride à condição fetal, sem condições de pensar ou de preparar-se para pensar, dado o excesso de emoções e sensações em que se vê envolvido”.

A partir do exposto acima se pode concluir que Zeno ficou cego por sua parte psicótica da personalidade e isso, segundo Bion (1985) é um problema do campo dos pensamentos.

E mais ainda, nesse caso, que foi o que ocorreu com Zeno, “A incapacidade para tolerar a frustração pode obstruir o desenvolvimento de pensamentos e de uma capacidade de pensar, ainda que uma capacidade de pensar diminuísse a sensação de frustração inerente à apreciação da distância entre um desejo e sua satisfação” (*ibidem*, p. 156). [tradução livre do autor]

Dessa forma se pode dizer que Zeno, cego pela inveja, deixou-se dominar pela parte psicótica de sua personalidade e não utilizou a razão da sua consciência para evitar o final trágico de Guido. Inconscientemente ele exercia sua vingança contra aquele que havia se tornado um objeto mau em seu caminho para a conquista de Ada e haver se esquecido de ir ao funeral do parceiro de negócios e ter acompanhado um outro cortejo fúnebre, “por engano” (ato falho), foi o *grand finale* de seu ato, mesmo tentando se mostrar inocente diante da cunhada.

No capítulo derradeiro do livro, Zeno além de contar fatos do período da I Guerra, pensa sobre sua própria análise juntamente com o Dr. S. Nesse caso há uma estreita relação entre Zeno, a Psicanálise, o sintoma do neurótico e a cura.

Depois que o Dr. S. diagnosticou seu Complexo de Édipo, Zeno decidiu suspender a própria terapia com estas páginas do diário, revoltado contra o Dr. S, e descarrega sua pulsão de morte, no final com uma drástica previsão sobre o final do mundo plena de pulsão de morte em relação à humanidade. Zeno confessa ao Dr. S sua vontade de parar o tratamento e, depois de uma análise da sociedade, faz um relato triste que prevê que um dia, um homem fruto da sociedade fará explodir um artefato de poder inimaginável que destruirá o mundo. (SVEVO, *op. cit.*, p. 371-403)

Para Rezende (*op. cit.*, p. 206) o problema do neurótico, e de Zeno conseqüentemente, é o do Filho Pródigo que se encontra imerso na dúvida, no vacilo entre fantasia e realidade (FREUD, 1996b): dessa maneira a cura do neurótico reside em transitar entre a fantasia e o caráter muitas vezes totêmico desta. Zeno, quando percebeu que estava pensando em termos dos rituais da vida cotidiana decidiu fugir da análise para fugir de O, ou seja, da Verdade Absoluta sobre a Realidade Última de si mesmo. Seus pensamentos o estavam levando a isto, porém era mais cômodo permanecer na doença e não enfrentar os dilemas da realidade.

Segundo Maria Anita Carneiro Ribeiro (*op. cit.*, p. 20-21) isso é típico do caráter do obsessivo e também dos pensamentos deste, pois “O obsessivo, o “eu penso”, profundamente capturado pela imagem especular, vai resistir, muito mais do que a histérica, ao confronto com o inconsciente”.

E isso é confirmado quando Zeno critica o analista e a análise ao escrever que tem conhecimento do tratamento analítico, este não passa de uma “tola ilusão”, um “truque”, a consistir em ser capaz de sensibilizar as “solteironas histéricas”. Assim ele termina por questionar “como poderia suportar a companhia daquele homem ridículo, com um olhar que se pretendia escrutador e uma presunção que lhe permite agrupar todos os fenômenos deste mundo em torno de sua grande e nova teoria?” (SVEVO, *op. cit.*, p. 372).

Zeno afirmou estar decidido a curar-se da própria análise (*ibidem*, p. 385). Isso é semelhante à experiência que o Dr. Py teve com Bion nos anos 70. Segundo Py (Apud ZIMERMAN, 2004, p. 64), sobre o impacto desta, ele “não sabia ainda se algum dia conseguiria me curar da análise que havia feito”.

O personagem Zeno decidiu, então, entrar no caminho da auto-análise a fim de escapar da pessoa real do analista, porém, o próprio Pai da Psicanálise, assim como Freud em carta a Fliess, em 14 de novembro de 1897, antes mesmo da própria psicanálise, já havia advertido para o fato de que “A verdadeira auto-análise é impossível; não fosse assim, não haveria nenhuma doença [neurótica]” (FREUD, 1950).

Até aqui, já foram enumerados os aspectos de pulsão de morte, pessimismo enfermo e decadentismo que tanto permeiam a obra e como desembocam no último capítulo do diário do personagem Zeno.

No que diz respeito à pulsão de morte – e essa idéia freudiana é contemporânea da produção de Svevo, conforme se pôde explicitar no início deste artigo –, esta tem como exemplo a terrível profecia de Zeno de que ainda seria inventado por um homem um explosivo potentíssimo, na vista dos que já existiam na época. Aliás, diante deste, os outros não passariam de brincadeira. Ao prosseguir sua “profecia”, ele vislumbra a possibilidade de um homem dotado de um pouco mais de insanidade que os outros furtará esse mortífero explosivo, conduzindo-o “até o centro da Terra para pô-lo no ponto em que seu efeito possa ser o máximo. Haverá uma explosão enorme que ninguém ouvirá, e a Terra, retornando à sua forma original de nebulosa, errará pelos céus, livre dos parasitos e das enfermidades” (SVEVO, *op. cit.*, p. 403).

E esse fatalismo funciona como se fosse epílogo do diário! Zeno destila aí sua pulsão de morte, seu caráter obsessivo de pensamentos em relação às enfermidades, seu desejo de punir a humanidade por sua própria decadência e pela decadência da própria sociedade humana. Ele não direciona esse instinto para si mesmo, mas para fora, para os outros, de forma sádica. Seu próprio instinto interno de vida direciona o instinto de morte para a humanidade exterior, conforme se pode conferir com Freud (1920), em *Além do princípio de prazer*, com a observação de que “O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte”.

Aliás, as duas últimas páginas do romance de Svevo (*op. cit.*, p. 402-403) estão de acordo com o citado texto freudiano, no que diz respeito às questões orgânicas e psíquicas de *Eros*

e *Tânatos*, tanto na natureza exterior ao homem quanto em relação ao próprio homem e os instintos de destruição e conservação biopsíquicos.

Ao se analisar o primeiro capítulo do romance, retorna o tema da transferência do analista em relação a Zeno. Nesse último capítulo se percebe claramente o vínculo de ódio de Zeno em relação à pessoa real do analista. Tanto que há um trecho em que Zeno afirma que “Se estivesse bastante seguro de poder rir dele sem me irritar, seria até capaz de voltar a vê-lo. Tenho medo, porém, de chegar às vias de fato” (Svevo, *op. cit.*, p. 371). Zeno queria fazer com o Dr. S. aquilo o que não pôde fazer ao pai. E aí se tem tanto uma transferência por parte de Zeno quanto um vínculo H (*hate*), ou seja um vínculo bioniano de ódio.

Segundo Bion (s. d., p. 72), “L [*Love*-amor], H [*Hate*-ódio] ou K [*Knowledge*-conhecimento] devem ser estabelecidos de tal forma que se estabeleça um ponto de referência”.

Assim, sendo, diante do exposto por Zeno e analisando sua relação com o Dr. S., se pode estabelecer que o vínculo estabelecido no referido momento do romance entre analista-analisando é um recíproco vínculo H. Isso fica claro tanto no *Prefácio* quanto no último capítulo.

Tudo isso que foi exposto sobre o referido capítulo está imerso em uma postura decadentista tanto de Zeno em relação a si mesmo, em relação à humanidade e em relação à eficácia da própria Psicanálise em “curar os males da alma”. Isto porque em sua fuga da análise, Zeno passa a se colocar contra seu processo analítico, contra a busca por K, por meio da análise e, conseqüentemente, seu ganho secundário é esconder o seu rosto de psíquico de confrontar-se com **O**, ou seja, de vislumbrar a realidade da relação entre seu sintoma e a realidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicanálise é um campo do saber interdisciplinar desde a sua origem. Medicina, Psicologia, Filosofia, Sociologia, Linguagem, Arte e Literatura são exemplos de áreas com as quais a Psicanálise tem se envolvido desde os tempos de Sigmund Freud.

Na Literatura, a contribuição do saber psicanalítico também busca elementos da ficção, que, em se tratando de personagens deixa patente a linha tênue que separa realidade de ficção em se tratando de arte literária.

Um diálogo psicanalítico com a obra literária demanda embasamento na teoria psicanalítica bem como implica em reconhecer elementos próprios do saber psicanalítico em relação ao sujeito do inconsciente. Nesse caso, elencaram-se alguns elementos principalmente baseados nos temas bionianos das transformações, dos vínculos e no conceito de **O** que obrigam a discutir a personalidade neurótica obsessiva em termos da dúvida e sua relação com os pensamentos e a pulsão de morte. Fora outros muitos detalhes que há dentro do romance de Svevo a merecer maiores análises e esclarecimentos, pois é uma obra riquíssima para ser interpretada pelo campo psicanalítico.

Como foi mostrado, Zeno é um personagem literário apaixonante pelo fato de ele ser quase humano, se não fosse um ser ficcional. É um neurótico clássico. Um homem perturbado por seus próprios pensamentos, por suas próprias dúvidas, por seus próprios medos. Ao mesmo tempo ele reconhece a própria doença, bem como a necessidade de curá-la, mas a usa como escudo para manter seus ganhos secundários advindos dela. É hipócrita e, ao mesmo tempo, denuncia a hipocrisia da própria humanidade. Reconhece a miséria humana, as doenças, a capacidade de destruição do homem e, ao mesmo tempo, que a vida é algo original. Para parafrasear uma expressão de Nietzsche, ele é “humano, demasiadamente humano”.

Assim sendo, tudo o que é humano é do campo da interpretação para a Psicanálise, pois esta é humana em seu nascimento e essência. Ela é aplicável em todos os campos que têm o ser humano, esse ser complexo e apaixonante ao mesmo tempo. Esse ser que pulsa a vida e sabe que futuramente terá um encontro com a própria morte, seja ela pelo cansaço, pela doença, enfim, pela condição humana em que Eros e Tânatos expressam o dilema da existência.

A análise dessa obra de ficção literária, fixada em seu personagem que dá nome ao livro, é um exercício diferenciado da prática real, tanto pelo fato de a história do sujeito já estar pronta quanto pelo fato de não ser um ser real, porém não faz com que se depare no inconveniente de expor, mesmo que de forma velada, o caso de uma pessoa real. Além disso, é um exercício a também demandar estudo, conhecimento teórico e prática interpretativa e que pode servir como modelo de análise de uma pessoa real, pois essa análise se constitui num estudo de caso dentro dos moldes e enquadres perfeitamente aplicáveis na prática real da Psicanálise.

## REFERÊNCIAS

- BION, W. R. **Aprendiendo de la experiencia**. Buenos Aires: Editorial Paidós, s.d.
- BION, W. R. **Atenção e interpretação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- BION, W. R. **Elementos de psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2004a.
- BION, W. R. **Transformações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2004b.
- BION, W. R. **Volviendo a pensar**. 3. ed. Buenos Aires: Ediciones Horme, S.A.E., 1985.
- BLÉANDONU, G. **Bion: vida e obra**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BOSI, A. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico)
- EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FREUD, S. Escritores criativos e devaneios *In.*: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1996a. p. 135-143.



FREUD, S. O homem dos ratos. *In.*: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1909/1996b. p. 135-273.

FREUD, S. Totem e tabu. *In.*: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1997a. p. 13-162.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. *In.*: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. 1925/1997b.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (carta de 14 de novembro de 1897). *In.*: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. vol. III. Rio de Janeiro:

GROTSTEIN, J. S. **Um facho de intensa escuridão**: o legado de Wilfred Bion à Psicanálise. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEITE, D. M. **Psicologia e Literatura**. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. (Coleção Ensaio, v. 4)

LIMA, L. C. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1986.

MARINI, M. et. al. A crítica psicanalítica. *In.*: **Métodos críticos para a análise literária**. Trad. Onilda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Leitura e Crítica)

MEZAN, R. **Freud**: a trama dos conceitos. 2. reimp. da 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Estudos; 81/ dirigida por J. Guinsburg)

REZENDE, A. M. **Wilfred Bion**: uma psicanálise do pensamento. Campinas: Papirus, 1995.

RIBEIRO, M. A. C. A neurose obsessiva. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. (Psicanálise – Passo-a-passo-23)

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

SVEVO, I. **A consciência de Zeno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

THOMPSON, F. C. **Bíblia de Referência Thompson**. 3. imp. Deerfield/Flórida (E.U.A.): Editora Vida, 1994.

ZIMERMAN, D. **Bion**: da teoria à prática – uma leitura didática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZIMERMAN, D. **Os quatro vínculos**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Recebido para publicação em 1 jun. 2017.

Aceito para publicação em 30 maio 2018.